

MOURA; Karolyne Oliveira<sup>1</sup>, MAURILIO; Gabriella Souza Barreto<sup>2</sup>, CARVALHO; Agda de Freitas<sup>3</sup>, NASCIMENTO; Carolaine Ferro do Nascimento<sup>4</sup>, COIMBRA; Camila Rodrigues<sup>5</sup>, NOBRE; Girilly Suelly Gomes<sup>6</sup>

## RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A endometriose é definida como uma doença crônica, em que o tecido endometrial cresce fora da cavidade uterina e do miométrio. Na maioria dos casos, a endometriose cursa com dismenorreia, dispareunia, dor pélvica, disúria, alterações de hábitos intestinais, dificuldade para engravidar e outros sintomas que impactam negativamente a vida da portadora. **OBJETIVO:** Caracterizar o perfil étnico-epidemiológico da endometriose no Brasil. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo transversal, retrospectivo, com abordagem quantitativa e mediado a partir de coleta de dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS) vinculado ao DATASUS. Para análise dos dados, selecionou-se a “endometriose” na categoria de Lista de Morbidade CID-10, além de serem selecionadas outras variáveis, como: ano, etnia, número de internações e número de óbitos entre o período de janeiro de 2019 a dezembro de 2023. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Entre os anos de 2019 e 2023, o total de internações por endometriose no Brasil foi de 57.415. Dentre esses casos, 20.359 foram de mulheres brancas, enquanto 27.972 foram de mulheres pretas e pardas. Além disso, os óbitos atribuídos à endometriose nesse período foram um total de 78, destes 27 entre mulheres brancas e 37 entre mulheres pretas e pardas. Dado que evidencia, novamente, a questão racial como uma variável importante. Uma vez que os números revelam uma disparidade preocupante, sugerindo que as mulheres negras enfrentam não apenas um maior risco de complicações graves, mas também possivelmente um acesso desigual a cuidados de saúde, resultando em piores desfechos clínicos. Vale destacar ainda, que o número de internações por endometriose no Brasil tem apresentado um aumento nos últimos anos, passando de 12.045 em 2019 para 15.801 em 2023. Este crescimento apoia a hipótese de que as mulheres têm atualmente um acesso mais amplo ao diagnóstico, resultando em uma maior notificação dos casos. **CONCLUSÃO:** Desse modo, nota-se a endometriose como uma patologia relevante na conjuntura brasileira, onde se destaca as disparidades étnicas. Sendo assim, entre 2019 e 2023, as mulheres pretas e pardas apresentaram um número maior de internações e óbitos relacionados à endometriose. Diante disso, deve-se construir políticas públicas capazes de fortalecer e mitigar tais disparidades, além de melhorar o cenário étnico-epidemiológico brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Endometriose, Etnia, Perfil epidemiológico, doença crônica

<sup>1</sup> UFAL, karolyneoliveira61@gmail.com

<sup>2</sup> UFAL, dragabimaurilio@gmail.com

<sup>3</sup> UFAL, agda.carvalho@famed.ufal.br

<sup>4</sup> UFAL, carolaine.nascimento@famed.ufal.br

<sup>5</sup> UFAL, camila.coimbra@famed.ufal.br

<sup>6</sup> UFAL, girilly.nobre@famed.ufal.br